
É UMA TARDE DIFERENTE: MULHERES E O CLUBE DO LAR DA ASSOCIAÇÃO LINHA DO RIO

IT'S A DIFFERENT AFTERNOON: WOMEN AND THE CLUBE DO LAR DA ASSOCIAÇÃO LINHA DO RIO

Luana Isabel Klatt¹

Maria Catarina Chitolina Zanini²

Resumo: Este artigo apresenta e analisa narrativas de mulheres, em sua maioria, agricultoras, brancas, que vivem na comunidade rural de Linha do Rio, na cidade de Santo Cristo, noroeste do Rio Grande do Sul. Elas integram o Clube do Lar da Associação Linha do Rio, realizando encontros mensais para desenvolver atividades do seu interesse. Seus encontros são, em grande medida, assessorados pela extensionista da Emater/RS-Ascar. A pesquisa se desenvolveu por meio da etnografia, realizando observação participante, entrevistas e aplicação de um questionário junto às mulheres que formam o grupo. Compreendemos que, para elas, o Clube do Lar da Associação Linha do Rio é um ponto de sociabilidade, de encontro, partilha de saberes, aprendizagem de temas novos, um dia de lazer e trocas que difere dos demais dias, quando a tônica é o trabalho, a rotina e a casa.

Palavras chave: Mulheres; Sociabilidade; Clube do Lar.

Abstract: This article presents and analyze narratives of women, mostly white farmers, who live in the rural community of Linha do Rio, in the city of Santo Cristo, northwest of Rio Grande do Sul. They are part of the Clube do Lar of the Linha do Rio Association, holding monthly meetings to develop activities of their interest. Their meetings are, largely, assisted by the Emater/RS-Ascar extension officer. The research was developed through ethnography, carrying out participant observation, interview and application of a questionnaire, with the women who form the group. We understand that for them, the Clube do Lar da Associação Linha do Rio is a point of sociability, meeting, sharing knowledge, learning new topics, a day of leisure.

Keywords: Women; Sociability; Home Club.

¹ Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail luanaklatt09@gmail.com

² Professora Titular no Departamento de Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: zanini.ufsm@gmail.com

Introdução

Este artigo é um segmento da dissertação de mestrado intitulada *Tass mista háit visã vu ma iveról hinguefô vea! memórias, sociabilidade e saberes localizados, o Clube do Lar da Associação Linha do Rio*, desenvolvida entre março de 2020 até março de 2022². Redigido por duas autoras, e com a colaboração de muitas pessoas, destacamos a importância da organização coletiva das mulheres que integram o Clube do Lar da Associação Linha do Rio, que se organiza na comunidade rural de Linha do Rio, município de Santo Cristo, noroeste do estado do Rio Grande do Sul (RS), Brasil. As perguntas que nos direcionam neste percurso são: o que fez e mantém as mulheres da comunidade de Linha do Rio organizadas em um grupo chamado Clube do Lar? O que aprendem nos encontros do grupo? Por que, continuamente, propõem-se a estar juntas?

Fotografia 01 – Quadro de boas-vindas pendurado na parede do galpão do Clube em dias de encontro.



Fonte: Acervo Luana Klatt.

A pesquisa se desenvolveu no período em que o planeta estava preocupado e passando por situações muito delicadas, mediante os cuidados e as mudanças dadas pela eclosão do novo coronavírus (SARS-CoV-2), causador da Covid-19. As consequências do vírus foram catastróficas, vitimando mais de 683 mil pessoas (CORONAVÍRUS//BRASIL, 2022) no Brasil. Os percursos da pesquisa tiveram que ser adaptados conforme cuidados estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), assim como instituições nacionais de saúde. De uma pesquisa que se propunha a ser majoritariamente etnográfica e junto às mulheres, tivemos que nos reorientar e aprender a nos aproximar daquele contexto de formas diversas e alternativas, como o uso das redes sociais via Internet e aplicativos.

A escolha do tema teve que ser repensada, e se entrelaçava ao fato de uma das autoras ter nascido em Santo Cristo e vivido parte da sua vida na comunidade rural mencionada, além de ter sua mãe atuante no Clube. Formado na década de 1990, o grupo da Associação Linha do Rio contou com a participação de 15 a 20 mulheres que tinham o intuito de se encontrar e realizar atividades que transitavam entre cuidados sanitários, de higiene, como no preparo e conservação de alimentos, artesanato e outras demandas voltadas à família e ao lar. Esses momentos eram assessorados por uma técnica social/extensionista³ da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural/Rio Grande do Sul – Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (Emater/RS-Ascar)⁴. Nos primeiros anos, os encontros ocorriam numa continuidade entre dois ou três meses, e com o tempo, tornaram-se mensais.

Dentre as sócias fundadoras, 5 ainda participam dos encontros a cada terceira terça-feira do mês. O *grupo de mulheres*, como era conhecido no início, oficializou-se como Clube do Lar da Associação Linha do Rio e está próximo dos 30 anos de existência. Hoje se encontra com 27 integrantes, as quais são mulheres brancas, vivendo em relações tidas como heterossexuais, com escolarização entre ensino fundamental incompleto até ensino médio completo. Todas são mães, católicas, têm entre 34 e 82 anos de idade e a maior parte delas são aposentadas.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma etnografia que contou com a mescla de técnicas entre a observação participante presencial e online, entrevista com a atual extensionista, profissional importante para a história e manutenção do grupo, outra com as sócias fundadoras e um questionário aplicado com as integrantes do Clube. Em primeira instância, mediante conexão com Dona Auria⁵ e outras sócias do grupo, a proposta de pesquisa foi apresentada para as integrantes da diretoria, visando respeitar a hierarquia e regras do coletivo, e, em seguida, com as demais participantes, prezando pela ética e transparência do trabalho e preservando seus nomes verdadeiros.

A observação participante foi realizada nos encontros mensais do coletivo, na parte da tarde e no grupo de WhatsApp⁶, nomeado Clube Linha do Rio. A inserção online não será abordada no presente artigo. A entrevista com a atual extensionista foi realizada de modo presencial, assim como as entrevistas com as sócias fundadoras, e as narrativas das mulheres foram obtidas pelo preenchimento do questionário impresso, entregue no encontro presencial de dezembro de 2021 às sócias. Assim, cada integrante pode levar uma cópia para casa e a responder em sua possibilidade e vontade. Esses questionários nos foram devolvidos em janeiro de 2022.

Para entender a importância da existência do grupo para elas, inspiramo-nos na ideia de sociabilidade apresentada por Simmel (2006), como um processo de

sociação dos indivíduos, um meio que se apresenta como lúdico frente às interações sociais. O grupo e seu significado, seus encontros, proporcionam momentos reflexivos de trocas de saberes de umas com as outras, um tempo para ouvirem sobre os assuntos que propõem ou lhes são apresentados pela extensionista que as acompanhava. Era também um espaço para se ter notícias dos parentes, rezar, cantar, realizar dinâmicas e falar sobre a vida.

O grupo representa não só uma tarde de encontro entre as mulheres, proporcionando formação e trocas entre elas, seja em atividades produtivas, como na roça, receitas de conservas de alimentos, geleias, pomadas, tinturas, as quais também são comercializadas, além de cuidados relacionados à horta. Partilham entre si conhecimentos adquiridos de antepassados, o que vão aprendendo com novas gerações, e o acesso à tecnologia que passaram a ter nos últimos tempos, incrementando novos elementos no cotidiano.

Em Santo Cristo há mais de 20 grupos de mulheres, entre Clubes do Lar e Clubes de Mães, assessorados pela equipe da Emater/RS-Ascar. Esses coletivos têm histórico de organizações distintas, mas com objetivos similares aos anteriormente destacados sobre o Clube em questão. Essa expressividade organizativa da cidade pequena, que tem cerca de 15.325 habitantes (IBGE, 2022), provém de uma atuação histórica de formação de grupos em e consequente mediação do trabalho feito pela Emater/RS-Ascar. Silva (2005), em sua dissertação de Mestrado, ressalta que o cooperativismo e associativismo na cidade santo-cristense eram muito importantes para a produção e reprodução social das pessoas que ali fixaram residência.

Em um vídeo postado em 20 de maio de 2021 no perfil de *Facebook* do então prefeito do município, é narrado o histórico social de Santo Cristo, quando é destacado que “Em 1910 a Companhia Colonizadora Rio-grandense fundou a Colônia Boa Vista, hoje o município de Santo Cristo” (PHILIPPSEN, 2021) e Cândido Godói. A história local tem marcadores do processo de migração e de imigração de famílias germânicas, camponesas, católicas, com características sociais e culturais bem demarcadas e presentes entre as gerações subsequentes. Para René Gertz, quando fala das migrações internas do Rio Grande do Sul, evidencia que “as colônias da região noroeste representou o final da linha de expansão sucessiva decorrente da migração dos excedentes populacionais das assim chamadas ‘colônias velhas’, localizadas mais a Leste” (2011, p. 255). Ou seja, apresenta-se numa continuidade de um processo colonizador já em desenvolvimento.

Um dos elementos importantes dessas famílias era a religiosidade e sua força na vida cotidiana. Como exemplo de devoção, “Em 1947, liderados pelo padre Adolfo Gallas, foi retomada a ideia da construção de uma Igreja. Cada sócio daria um suíno

para a obra e cada morador da cidade o valor em dinheiro referente a um suíno de 75 quilos” (PHILIPPSEN, 2021). A Igreja Matriz é um ponto de referência na cidade, seja pela importância cultural, com também pela sua expressiva altura de 73 metros. Esses fatores incidiram de modo direto sobre a organização territorial, comunitária e administrativa. As comunidades rurais que foram surgindo ao longo dos anos tinham características similares como, uma igreja católica, uma escola e um salão de confraternizações em suas unidades, além de um campo de futebol, quando havia espaço para organizá-lo.

Essa constituição apresenta narrativas compartilhadas na história do município, tendo nos “colonos pioneiros” de cultura germânica e católica, um marcador adscritivo de bravura e conquista dos seus antepassados, considerados civilizadores e portadores de progresso para a região. Os lotes de terras adquiridos pelos colonos e suas famílias, também chamados de linhas, logo formaram agrupamentos mais fortes. Foram poucas as comunidades que não tiveram a construção de um centro religioso, escolar ou de lazer, espaço de sociabilidade, que proporcionasse o encontro das famílias aos finais de semana.

Conforme apresentamos em artigo anterior (KLATT; ZANINI, 2022), em Santo Cristo há uma culturação arquitetônica procedente da ascendência germânica, mantida em casas e monumentos locais. Inclusive, essa iniciativa é incentivada pelo poder público local que a associa à forma como o espaço foi sendo colonizado. A narrativa e traços culturais na conservação do dialeto conhecido como “língua alemã”, assim como a realização de festividades que marcam a presença de um ambiente que celebra essa história e a conduz a outras gerações. Há um incentivo local ao reconhecimento das ascendências e das sagas dos antepassados, o que é, também, visualizado por meio das histórias familiares.

Essas características têm raízes no que ressalta Gertz (2011), a partir de 1974/1975, o governo estatal, depois de um clima de estranhamento com imigrantes e migrantes alemães e outras etnias europeias em solo brasileiro, em virtude da Segunda Guerra Mundial, promove o “biênio da imigração e colonização” (GERTZ, 2011, p. 259). Essa ação promoveu uma ampliação de comemoração e homenagens culturais com o passar do tempo, refletidas na celebração de elementos arquitetônicos, linguísticos e festivos mediante a presença de imigrantes e etnias no país. Trata-se de revitalizações constante de vínculos de pertencimento baseados nas origens dos ancestrais.

Em Santo Cristo, nesse percurso histórico de constituição, formaram-se cerca de 40 comunidades rurais, que algumas décadas mais tarde, transformar-se-iam em vilas e/ou bairros. Linha do Rio é uma das comunidades em que não se teve a cons-

trução de uma capela, escola ou salão de festas, como veremos mais adiante. Essa constatação é interessante para compreendermos como o Clube e seus encontros se tornaram tão importantes para as pessoas que residem no seu entorno, de modo especial para as sócias. Essas e outras expressões da cultura e história vinculadas a um antepassado germânico, refletido em Santo Cristo, relaciona-se à conquista de hectares de terra para morar e plantar e aos dias de trabalho intenso providos por mães e pais para o sustento de famílias numerosas. Observa-se, igualmente, a perspectiva da propriedade da terra a da reprodução do mundo camponês, baseado na organização familiar do trabalho.

Logo, esse histórico também está ligado ao favorecimento de políticas públicas e sociais e à (i)migração e instalação de famílias europeias, brancas, em solo brasileiro. Giralda Seyferth (2011) destaca que o início da colonização germânica no Rio Grande do Sul ocorreu em São Leopoldo. Essas políticas relacionadas à busca do Estado brasileiro em branquear a população, refletem até hoje os mais diversos cenários brasileiros de desigualdade entre raça/etnia, gênero, sexualidade e desigualdade em respeito ou não a religiões que não sejam cristãs, entre outros. Nesse contexto, Santo Cristo fazia parte de um projeto de colonização mais amplo e que já estava há algumas décadas vigente no País, tanto no Brasil Império como no Brasil republicano.

Nesse intuito, convém ressaltar que o artigo apresenta o contexto histórico/social em que as mulheres que integram o Clube do Lar da Associação Linha do Rio vivem, criaram e mantiveram o mesmo. No entanto, sua ênfase é considerar as ações pelas quais elas se encontram e promovem um encontro em grupo, mês a mês. A primeira parte do artigo fala, de modo breve, do histórico de Santo Cristo, da organização da metodologia e técnicas utilizadas ao longo da pesquisa, assim como da comunidade de Linha do Rio e a importância da sede para os encontros das mulheres. Em seguida, são evidenciados os resultados tidos ao longo da pesquisa e, por fim, destacadas as considerações finais.

Mas isso não é baixo, isso é deitado!

Para entendermos melhor o presente, é recorrente que grupos busquem saber ou elaborar tessituras que recriem ou formem narrativas sobre o passado. Ao desenvolverem um trabalho referente às narrativas trazidas e aos documentos encontrados a respeito de Santo Cristo/RS, Klatt e Zanini (2022) destacam a formação e a compreensão católica como elemento central no contexto de moradores que se fixaram nos lotes, assim como tencionavam a presença de outras religiões nesse contexto.

Para além da ideia de germanidade presente em uma parte considerável da população santo-cristense, há a presença da cultura gaúcha e uma ética de trabalho perpetuados nas conversas cotidianas, marcadores que exacerbam um modo de vida e tradição que valorizam figuras de gênero bem marcadas, seja no campo seja na cidade. Apesar dos avanços tidos no acesso à educação, no trabalho e no desenvolvimento de autonomia das classes sociais com menor poder aquisitivo, sobretudo as mulheres nas últimas décadas, os elementos tradicionais se mostram fortes e ainda condicionam papéis sociais.

As ruralidades encontradas no município há muitos anos são um dos seus pilares, tanto no policultivo da agricultura familiar como na produção de soja, milho, hortaliças, leite e na criação de suínos. Os dois últimos são responsáveis pelo reconhecimento estadual do município frente a proporção de leite e suínos produzidas na cidade (KLATT; ZANINI, 2022), o que destaca que há mais de 100 anos a agricultura, mesmo com mudanças na sua forma de produzir, ainda tem sua relevância social e econômica para o município. É nesse meio que esta pesquisa traçou seu caminho por literaturas referentes às histórias de Santo Cristo e região, assim como nas referências etnográficas, e em sintonia com Peirano (2014, p.379), consideramos que “a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar”. Com a familiaridade de uma das pesquisadoras com o ambiente e os contextos, com as mulheres e com a história local, foi necessário que não só a aproximação, mas também a análise do espaço fosse, de forma cuidadosa, observado e também estranhado. Velho (1978) nos convida a refletir sobre a importância de, além de buscar aprofundarmo-nos com o que é familiar, podermos estranhá-lo do mesmo modo. Trata-se de uma busca que foi executada de forma dialogada e analítica pelas autoras.

O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (2017) considera que a pesquisa antropológica precisa ter o olhar, o ouvir e o escrever atentos, reflexivos. Foram feitas entrevistas semiestruturadas, como a que ocorreu com 5 sócias fundadoras que ainda participam no grupo. Para Boni e Quaresma (2005), a entrevista semiestruturada permite a combinação de perguntas abertas e fechadas, além da possibilidade de obter mais profundidade nas respostas obtidas pelos participantes. Procuramos, ao longo da pesquisa empírica, em meio a uma pandemia que dificultava as interações presenciais, ter respeito ao tempo e espaço possíveis para o “encontro etnográfico”.

Realizou-se observação participante nos encontros do mês de agosto, outubro, novembro e dezembro de 2021, quando se pode estar presente e fazendo parte das atividades do Clube. E por fim, foi elaborado um questionário, aplicado junto às mulheres, uma tentativa de observar e ter outros modos delas se expressarem, fa-

lando mais sobre seu cotidiano e sua participação no grupo. No modo presencial, assim como no virtual, apresentamos a proposta de pesquisa, detalhando as suas implicações e o principal: ouvindo o que as pessoas envolvidas tinham a falar, se aceitariam fazer parte da pesquisa, e de que modo aceitariam colaborar com o estudo. Para Cláudia Fonseca (2010), é importante que estas trocas sejam realizadas de modo democrático, com as pessoas, respeitando sua compreensão de ética.

Ao contarem sobre a constituição do grupo de mulheres, as sócias relataram que sua formação se vinculava à participação delas nas reuniões da Associação Linha do Rio, um grupo que emergiu com seus maridos. Este coletivo tinha o intuito de adquirir e utilizar implementos agrícolas em conjunto, visto as baixas condições econômicas individuais da época, década de 90, no contexto rural. Com as reuniões mensais masculinas, já que só eles se associavam, as mulheres acompanhavam seus esposos e participavam das reuniões de modo direto ou indireto, assim como para se encontrarem com outras mulheres.

Mas isso não é baixo, isso é deitado!, foi uma frase reproduzida por uma das sócias na entrevista coletiva com as fundadoras do Clube. Essa expressão foi proferida por um amigo do seu marido, quando comentou sobre o marco de organização da Associação Linha do Rio, referenciada a aquisição e cuidado de um touro, de modo coletivo. Com o engajamento comunitário das reuniões dos sócios da Associação e do grupo das mulheres, passou-se a dar um sentido especial à sede da Associação Linha do Rio, um galpão de madeira, pintado com cal.

Erguida na década de 90 pelos sócios da Associação, e diferente da constituição das comunidades vizinhas, a Linha do Rio não tinha uma igreja, escola ou salão. As famílias que ali residiam (parentes, alguns) e que ainda ali residem, participavam da vida comunitária nas sociedades vizinhas. A sede da Associação passou então a ser um ambiente de encontros para reuniões, assembleias de cooperativas de luz, água, crédito, leite, além de um espaço de festas e até realização de missas.

Fotografia 02 – Sede da Associação Linha do Rio.



Fonte: Acervo Luana Klatt.

O estabelecimento que já tem mais de 30 anos, segundo seus organizadores, é pintado e restaurado conforme a necessidade. Ali ocorre a maioria das reuniões das mulheres que integram o Clube do Lar, as quais já eram realizadas com frequência na casa das sócias. Até hoje a dinâmica acontece, caso haja necessidade de utilizar mais eletrodomésticos ou por consenso/escolha das mesmas para mudar o local ou o dia do encontro.

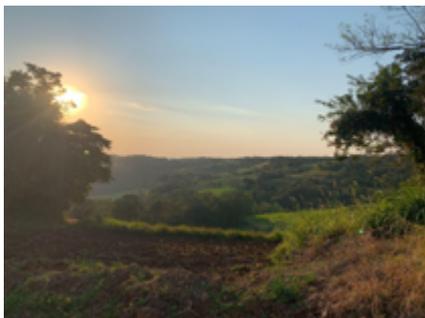
Você poderia me dizer quando e por que você entrou no Clube do Lar?

Ingressei no clube do lar, já há mais de 10 anos, para criar laços de amizade, experiências, aprender coisas novas e também uma forma de entretenimento e lazer. (Relato de uma sócia de 41 anos)⁷.

No período de março de 2020 até julho de 2021, as reuniões dos Clubes do Lar em Santo Cristo foram suspensas. Nesse momento, a extensionista fez mais de 20 grupos de WhatsApp com as mulheres do município, proporcionando interação entre elas e compartilhando informações relacionadas ao cuidado com o vírus, conteúdos referente à agricultura familiar, receitas, entre outros. Houve tentativas de reuniões por chamadas, porém, não obtiveram adesão. Foi em agosto de 2021 que as reuniões presenciais foram retornando de modo gradual, às membras que desejassem.

Assim, uma das autoras do artigo acompanhou a sua mãe, realizando deslocamento a cada encontro, por meio de um automóvel da família. O trajeto percorrido pelas duas partia do centro da cidade de Santo Cristo, passando por comunidades rurais, levando cerca de 30min. Pelo percurso eram visíveis lavouras com diferentes tipos de plantação, como milho, mandioca, pasto, cana-de-açúcar ou outros alimentos, conforme o mês indicado para produzir. Também foram avistadas casas, cemitérios e outros centros comunitários.

Fotografia 03 – Entardecer no meio rural santo-cristense.



Fonte: Acervo Luana Klatt.

Durante os meses da pesquisa, foram observados rituais presentes há anos nas tardes ou dias de reunião, como o hábito das sócias de se sentarem em círculo. As cadeiras eram postas, de modo prévio, por duas sócias, as responsáveis pela limpeza e merenda da tarde. A cada mês, duas mulheres, geralmente vizinhas, ficavam encarregadas de limpar, organizar o ambiente, além de preparar lanches que são partilhados durante a tarde com as presentes. A presidente do Clube costuma fazer a abertura, chamando a atenção para si, iniciando com a leitura de um credo ou um Pai Nosso. Em seguida, destacava os principais assuntos e convidava a secretária para fazer a chamada do dia e ler a ata da reunião anterior.

O Clube é organizado por uma diretoria eleita a cada dois anos, sendo composta por presidente/vice-presidente, secretária/vice-secretária, tesoureira/vice-tesoureira e fiscais. As vices de cada cargo são escolhidas pela mulher eleita para o primeiro cargo, assim como as fiscais. Esse grupo é responsável por liderar a realização de atividades, encontros, demais reuniões ou organizar a participação de mulheres em eventos do município e região. A presidente realiza a abertura das reuniões, destaca as atividades do dia e conduz os trabalhos. A secretária lê a Ata do encontro anterior, faz a chamada, e a tesoureira, vez ou outra é acionada quando são realizadas compras de materiais para preparar em grupo ou receber o pagamento da anuidade de cada sócia. As fiscais cuidam do funcionamento do caixa, se as contas batem, se o livro de Atas está em dia. De modo breve, são algumas das atribuições dos cargos do grupo.

Na imagem abaixo, temos a mesa que se encontra no centro do círculo e serve para apresentar os alimentos trazidos para a partilha da tarde. Cada sócia deve se dirigir até lá e se servir, conforme sua vontade. Também são preparados sucos, chás e um chimarrão. No entanto, o consumo de chimarrão não foi liberado durante o período mais delicado da pandemia até meados de 2022.

Fotografia 04 – Merenda preparada pelas sócias responsáveis do mês.



Fonte: Acervo Luana Klatt.

Os encontros do grupo que puderam ser acompanhados de modo presencial eram organizados pelas mulheres, em específico, as presentes na diretoria, em parceria da extensionista que acompanha as reuniões quando pode. As integrantes apreciam muito a sua presença da técnica e têm nela um suporte para pensar em atividades variadas para os encontros ou demais atividades durante o ano, mas não deixam de se encontrar quando não têm a companhia uma da outra.

O título desta seção foi uma das perguntas elaboradas no questionário. E para as integrantes do grupo, sua entrada e permanência puderam ser observadas de vários modos:

Entrei em agosto de 2013. Entrei por interesse e também por convite de várias sócias. (Sócia de 34 anos, com 8 anos de Clube).

[...] gosto muito, pois a gente só faz amizades e aprende muito com isso. (Sócia de 36 anos com mais ou menos 10 anos de Clube).

[...] se aprende a conviver com as pessoas, fazendo receitas de diversos tipos, jardinagem, assistimos palestras, integrações com outros clubes do lar, pique-nique, participamos dos encontros, o dia da mulher, etc. (Sócia de 62 anos com 30 anos de Clube).

Nas respostas encontramos percepções diferentes e desejos de permanência no grupo, as quais transitam entre o momento ser um ambiente de acolhida, de trocas e formação ou aproximação de amizades, redes de vizinhança, compadrio e também de parentesco. Essa percepção não é tida pela totalidade das mulheres, nem todas acham os temas ali trabalhados interessantes, mas frequentam o espaço por ser, assim como Simmel (2006) destaca, um espaço de interações e trocas lúdicas, que envolvem interação, seja ela espontânea ou não. Elas destacam o que aprenderam e os pontos que potencializam sua manutenção nas propriedades em seu cotidiano:

Utilizo pomadas, olina⁸, receitas, produtos de limpeza... (Sócia de 43 anos, com 3 anos de Clube).

Aprendemos a fazer uma horta de qualidade, plantamos chás e sua utilização, receitas de todos os tipos, adubo orgânico, embelezamento da casa, pomadas e produtos de limpeza. (Sócia de 62 anos, com 30 anos de Clube).

[...] com a visita dos técnicos da EMATER tem-se aprimoramento das plantações na horta e pomar. (Sócia de 63 anos, com 15 anos de Clube).

Além da própria leitura das mulheres sobre o grupo, sua relevância nesse contexto, lembrando seu tempo de existência, para a atual técnica social, os Clubes do Lar no município,

E esses grupos de mulheres, eles são assim, a porta de entrada para iniciar e realizar muitos trabalhos no meio rural. [...] tudo que se trabalha dentro do Clube do Lar, a gente sabe que essas mulheres levam pra propriedade, levam pra família, né. (Extensionista da Emater/RS-Ascar).

Esses coletivos são encontrados nas comunidades do município, sendo que alguns estão prestes a completar 50 anos de história. Os Clubes do Lar, por vezes, causam estranheza a quem ouve seus nomes e nos trazem questionamentos perante o que se trabalha nesses contextos: se as mulheres se prendem ou se restringem a atividades em torno do lar e da família. O que foi possível observar ao longo desta pesquisa e, neste grupo, é que, muitas atividades desejadas por elas e/ou propostas pela Emater/RS-Ascar, voltam-se ao aprimoramento de tarefas domiciliares, seja na aprendizagem de receitas, artesanato, seja na produção de material de limpeza, conservas. Também ocorrem formações que se voltam à produção na propriedade, bem como são realizadas palestras que falam sobre saúde, sobre motivação pessoal, sobre violência contra a mulher. A própria autogestão e capacidade organizativa das mulheres é algo que pode ser observado, o que, com certeza, fortalece a perspectiva de que se percebem como agentes do processo e parte do seu histórico.

Há uma mescla de atividades, as quais são negociadas entre cada grupo. Aqui falamos do Clube do Lar da Associação Linha do Rio, o qual, por meio da diretoria e das demais integrantes, analisam e se organizam junto com a extensionista para desenvolver ideias e atividades durante os meses de cada ano. Em suma, o grupo que persiste até hoje faz sentido para quem o frequenta e, dessa forma, tem sua importância social, visto que as atividades e possibilidades dessas mulheres são, ainda, bastante limitadas no mundo rural. Os espaços de lazer, com certeza, seriam um incentivo à melhora na qualidade de vida dos contextos rurais do País.

Fotografia 05 – Quadro de agradecimento pendurado na parede do galpão em dias de encontro.



Fonte: Acervo Luana Klatt.

Considerações finais

Observamos que muitas narrativas referentes à constituição de Santo Cristo, seu histórico político e social, encontram-se atreladas à organização de famílias católicas, camponesas ou artesãs, de ascendência e descendência germânica. Essa

percepção não destoava de como as mulheres que integram o Clube do Lar da Associação Linha do Rio se percebem. Santo Cristo tem marcadores que evidenciam tradições sociais marcantes e que são transmitidas entre as gerações; em especial, como apontamos no artigo, à ascendência germânica e aos elementos que estão a ela associados. A articulação social que emergiu na presente cidade, atrelada à cultura e à formação de grupos religiosos, também foi influenciada pelo contexto brasileiro de organização e manifestações sociais advindos da década de 70 e 80. Esse período é marcado pela (re)democratização político-social brasileira. De diferentes modos, esse pano de fundo refletiu de diversos modos no País e em cada local. O sindicalismo, cooperativismo foram fortalecidos e mobilizavam a formação de outros grupos, diretamente políticos ou sem vinculação a estes elementos também.

Nesse cenário, as razões que fizeram com que as mulheres resolvessem se organizar, formar um coletivo, que resultou em um Clube do Lar, ou ingressar anos mais tarde e permanecer, são distintas. Porém, encontramos fatores que evidenciam suas necessidades, os seus desejos, como o de se encontrar com outras mulheres, ter um momento de lazer, aprender sobre produção, sobre receitas, pomadas, etc; poder exercitar o que sabem; partilhá-lo umas com as outras; aprender, palavra que se evidenciou durante os meses acompanhados; e descobrir novas possibilidades entre elas, incentivadas ou passadas pela extensionista. Estar coletivamente foi algo sempre ressaltado como positivo.

A dinâmica de entrar no grupo e permanecer é um reflexo social, de interesse e do convite de sócias para novas mulheres da comunidade se integrarem neste espaço. Apesar de haver mais possibilidades de interação hoje em dia, mais acesso e gerência do seu dinheiro e renda, seja por meio da aposentadoria seja por outros meios, o meio rural ainda carece de investimentos de lazer para elas. Mesmo não havendo contestações de forma direta, nem todas as mulheres acham interessantes as temáticas trabalhadas ou como são trazidas. Logo, como as opções e sua possibilidade de deslocamento são limitadas para outros tipos de encontros, em função de apenas uma das sócias ter carteira de habilitação, o que tem ali é valorizado e aproveitado por elas.

Essa pesquisa não caracteriza toda a dimensão, as potencialidades e os desafios que as integrantes do Clube do Lar da Associação Linha do Rio experenciam, como e o que realizam no seu cotidiano, mas busca trazer pontos que se apresentaram no período observado. Buscamos evidenciar narrativas que nos foram trazidas e de que maneira se construíram e mantêm a organização social e do coletivo nesse contexto.

Referências

- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2, n. 1 (3), jan./jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 22 fev. 2022.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. *Revista de Antropologia*, USP, São Paulo, 1996. V.39 n.1 p.13-37.
- CORONAVÍRUS//BRASIL. Covid-19. Painel Coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 27 ago. 2022.
- EMATER/RS-ASCAR. *Sobre a EMATER*. Disponível em: <https://www.emater.tche.br/site/a-emater/missao-visao.php#.ZCMGUnbMK3A>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- FONSECA, Cláudia. Que ética? Que ciência? Que sociedade? In: FLEISCHER, S.; SCHUCH, P. (orgs). Ética e regulamentação na pesquisa antropológica. Letras Livres: Editora da Universidade de Brasília. Brasília: p2010. p. 39-70. Disponível em: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/view/80/69/306-1>. Acesso em: 1º jul. 2021.
- GERTZ, René. Colonização – Segunda Fase. In: Releituras da História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Oficial, 2011. p. 234-264.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Prévia da população calculada com base nos resultados do Censo Demográfico 2022 até 25 de dezembro de 2022. *IBGE*, s.d. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Previa_da_Populacao/POP2022_Municipios.pdf. Acesso em: 28 mar. 2023.
- KLATT, L. I.; ZANINI, M. C. C. Identidade, religiosidade e trabalho: o contexto da cidade de Santo Cristo/RS. In: PADOIN, Maria Medianeira; SANTOS, Rodrigo Luis dos; HARRES, Marluza Marques; LUCHESE, Terciane Angela (Orgs.). *Migrações e diversidade, múltiplos olhares*. São Leopoldo: Oikos, 2022. p. 397-409. Disponível em: <https://oikoseditora.com.br/files/Migra%C3%A7%C3%B5es%20e%20diversidade%20-%20m-%20C3%BAtiplos%20olhares%20-%20E-book.pdf> Acesso em: 29 mar. 2023.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jul. 2021.
- PHILIPPSEN, Adair. *POR DENTRO DE SANTO CRISTO O início, a gente, as potencialidades, as comunidades interioranas, os bairros, além de outras informações*. [s.l.], 20 maio 2021. Facebook: Adair-Philippsen15. Disponível em: <https://www.facebook.com/AdairPhilippsen15/videos/4136384053090745/> Acesso em: 29 mar. 2023.
- SEYFERTH, Giralda. O campesinato e o Estado brasileiro. *MANA*, v. 17, n. 2, p. 395-417, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/wCL9G3mV-qV5yQz4GccGBXwM/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SILVA, Airton Rodrigues da. *Conhecimento e educação em experiências de associativismo e cooperativismo no meio rural – o caso de Santo Cristo RS*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2005. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/324>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade. (Exemplo de sociologia pura ou formal). In: SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, pp.123-132.

Notas

- ¹ Hoje teríamos que saber todos os lugares que nós fomos. O título da dissertação é uma tradução da transliteração do dialeto alemão Hunsrück, muito falado na cidade de Santo Cristo/RS.
- ² A pesquisa foi possível devido ao financiamento oportunizado pela bolsa de Mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.
- ³ A extensionista ou técnica social é uma profissional que tem, entre suas responsabilidades, promover, incentivar, construir, instruir e mediar formações continuadas que relacionem a integração de pessoas no meio rural e/ou onde os grupos vivem. No contexto da pesquisa, a profissional é responsável por assessorar grupos de mulheres, promovendo atividades formativas e lúdicas, de acordo com o interesse das mesmas.
- ⁴ A Emater-Ascar/RS é uma instituição que tem como missão “Promover o Desenvolvimento Rural Sustentável através da prestação de serviços de Assistência Técnica, Extensão Rural e Social, Classificação e Certificação, em benefício da sociedade do Rio Grande do Sul” (EMATER/RS-ASCAR, s.d). Disponível em: <https://www.emater.tche.br/site/a-emater/missao-visao.php#.ZCMGUnbMK3A>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- ⁵ Nome da mãe de Luana, identificado em virtude da proximidade familiar. O nome das demais participantes da pesquisa foi preservado.
- ⁶ Durante o período de distanciamento social da pandemia, os grupos de WhatsApp, um aplicativo que facilita a comunicação entre pessoas, seja por mensagens de texto, áudios, seja por ligações, foi importante para manter algum tipo de interação com as mulheres durante esse período.
- ⁷ Buscamos manter a grafia original dos trechos escritos pelas sócias.
- ⁸ É uma tintura preparada pelas integrantes do grupo, com mais de 20 chás e utilizada para tratar irritações estomacais.